

# A síndrome político – sindical...e os direitos humanos? – Por Amaro F. Correia

written by Amaro F Correia | 16 de Setembro, 2024

OCIDADAO



*Amaro F. Correia*

*“O único lugar onde sucesso vem antes do trabalho é no dicionário.” – Albert Einstein. Talvez esta frase ficasse bem em todas as portas na entrada dos sindicatos portugueses. Ajudava a reflexão entre o público e o privado e a um “mental-coach” do século XXI. Os sindicatos, em Portugal, servem para marcar greves e a agenda política dos partidos da governação. Sem apoio jurídico aos seus trabalhadores, duvido que existissem ou tivessem qualquer adesão.*

Só faltava, agora, que um partido apresentasse uma proposta de subvenção para os sindicatos, mas já nada me admira neste

país. Esta chamada de atenção tem a ver com a credibilidade dos sindicatos no futuro, mas não só. Estão demasiado politizados e não cumprem o desígnio e os objetivos de defenderem bem, todos os trabalhadores. Todos. Associados. Um sindicato, nos dias de hoje, tem de ser mais atento, disruptivo, acompanhando as sociedades sob pena de se extinguirem a breve prazo.

O movimento sindical nasceu com preocupações sociais e de direitos humanos, por isso, surgiu como movimento social/político e procurou organizar os trabalhadores de forma a proteger e a promover os seus interesses e direitos. Hoje, no século XXI, alguns ainda conseguem negociações, apesar de divididos por interesses mais ou menos obscuros dos partidos ligados ao “lobby” da Função Pública. O setor privado tem maior dificuldade pelo significado diminuto junto das pessoas, bem como a sua intervenção.

Este ou qualquer Governo cede em função das suas pretensões e interesses. John Dorerty foi o 1º dirigente sindical, mas o menos culpado da evolução sindical, no mundo, até aos dias de hoje. Nas décadas 20/30 do século XIX ocorreram os grandes movimentos para formar uma central sindical: Associação Nacional para a Proteção do Trabalho (ANPT) (National Association for the Protection of Labour). Num curto espaço de tempo, 150 sindicatos filiaram-se à ANPT – sindicatos relacionados com a indústria têxtil mas também, incluía os mecânicos, os ferreiros e outras categorias. As pessoas sentiram a necessidade de quem os representasse, condignamente. Não se deve abordar o tema sem incluir a Revolução Industrial porque a origem do sindicalismo envolveu o contexto da industrialização e assistiu à consolidação do capitalismo na Europa. Eram péssimas as condições de vida na Europa, das pessoas e do trabalho. Os sindicatos foram “a lufada de ar fresco” para construção e afirmação do Direito ao Trabalho a partir da Revolução Industrial. Não se foge, nunca, às questões ideológicas das sociedades já que “empurraram”

alguns sindicatos para acordos de lentilhas, sem preservarem a essência da sua existência, mas também ajudou, outros, com alguma flexibilidade de movimentos a assumiram ideias reformistas, socialistas, sociais democráticas, comunistas, populistas, etc.

Esta evolução permitiu perceber o fervor ideológico vertente no movimento sindical, pelas suas manifestações e imposições. Tivessem, na verdade, a capacidade de resignação e lucidez, quanto baste, nos dias de hoje e tudo seria diferente. Recordo, para memória futura, que após um período de longas, intensas lutas e agitações sociais a União Operária Nacional (1914) foi criada, no meio de reformas e anarquia como a 1ª organização sindical confederal a nível nacional. A luta ideológica, no século XVIII, entre um capitalismo desenfreado a apropriar-se de produtos criados pelo trabalho operário e uma insatisfação dos trabalhadores foi “o rastilho” para o confronto esperado com os empregadores e, aqui, surgem os sindicatos a mediar e a impedir que qualquer operário seja obrigado a aceitar um salário inferior ao mínimo indispensável para o seu sustento e de sua família.

Noto que o 1ª evento representativo da organização dos trabalhadores foi a quebra de máquinas fabris, conhecido como ludismo, na Inglaterra. Algum tempo depois, o Parlamento Inglês aprovou uma lei permitindo a livre associação dos operários, proporcionando assim o surgimento das “trade-unions”, que significavam uniões sindicais. As “trade-unions” possibilitaram a fixação dos salários para toda uma categoria e regulamentaram o salário, em função do lucro. Na minha opinião, a revolução francesa (ideias liberais estimulavam a aprovação de leis proibitivas à atividade sindical – ex: Lei Chapelier, em nome da liberdade dos Direitos do Homem, considerou ilegais as associações de trabalhadores e patrões) foi o “stand up” para os sindicatos marcarem a sua existência pela positiva nas sociedades. Com a II Guerra Mundial e a afirmação ideológica do comunismo e socialismo a influenciarem

os movimentos sindicais espanhóis e italianos, com ramificações a todos os países da Europa, foi, na minha opinião, uma falta de coerência e coragem dos trabalhadores, a permitirem esta ingerência nas direções. A velha máxima, em democracia, mantêm-se sempre, ou seja, uma *formiga sozinha não faz formigueiro*.